

TRIBUNA DA CIDADE

DF GERALDO MAGELA

Brasília, mostre sua cara ao País

Neste mês de abril, Brasília completa 34 anos, idade suficiente para abrigar uma geração que aqui nasceu, tem seus familiares, suas raízes, suas memórias e o seu afeto.

Durante este tempo, muitos migrantes que chegaram à procura de emprego e de uma vida nova, fixaram-se na cidade, casaram-se, tiveram filhos e adotaram o Distrito Federal como sua terra mãe. Não trocam a cidade por lugar nenhum e quando dizem, Brasília, falam do Plano e das satélites.

Estes são dados importantes, porque fazem florescer as bases para que a cidade deixe de ser um punhado de indivíduos dispersos, apenas com vontade de trabalhar, ganhar dinheiro, passar um tempo e se mandar para seus estados de origem.

Os brasilienses de origem ou de adoção, aos poucos, vão sedimentando os fundamentos de sua cultura. Uma cultura que resiste, apesar da inércia, omissão, descompromisso do Estado e da ausência de uma política cultural. Uma cultura que está aí, não obstante a falta de recursos, de espaço, de incentivos e a massificação que impede o interesse pela música, literatura e pelo teatro locais, que nem sempre estão na mídia.

É admirável como os grupos culturais delineiam sua trajetória, persistem e dão conta de realizar o seu trabalho.

No Distrito Federal, temos exemplos formidáveis. Em Ceilândia, o Grupo Bolha consegue produzir espetáculos usando os espaços ociosos das escolas. Utilizam a

Lei nº 243/94, que assegura "às entidades organizadas, grupos de moradores e ao movimento cultural o direito de reunião nas dependências dos estabelecimentos públicos de ensino do Distrito Federal. "Também em Ceilândia a Casa do Cantador é uma amostra da pertinácia dos



Os brasilienses de origem ou de adoção, aos poucos, vão sedimentando os fundamentos de sua cultura

agentes culturais.

Os artistas plásticos de Sobra-dinho organizam-se e discutem os rumos da cultura brasiliense. O Bumba-Meu-Boi, graças à persistência do Senhor Teodoro, continua sendo transmitido para as novas gerações. O Celeiro das Antas, em Taguatinga, está, provisoriamente, ocupando com muita criatividade o Teatro da Praça.

No Morro da Capelinha, em Planaltina, a encenação da Via Sacra por artistas locais, expressa a religiosidade popular e constitui-se num espetáculo de tamanha beleza plástica que atrai milhares de pessoas do Centro-Oeste e do Brasil.

No Plano Piloto, há uma experiência inédita feita na Oficina do Perdiz, na Superquadra 708/709. Ele aproveitou sua serralharia, fez algumas pequenas adaptações e criou o Teatro Oficina Perdiz. Desde 1988, exhibe peças onde figuram atores chamados alternativos e artistas tradicionais. Já conseguiu a proeza de ter em cartaz a peça Bela Ciao durante um ano inteiro. É formidável como o Teatro Oficina Perdiz, à margem do teatro institucional, é uma opção de produção artística.

A resistência destes grupos e de muitos outros ajudam a fazer o movimento cultural da cidade. Um movimento diferente do existente no Rio de Janeiro e em São Paulo, pois cada comunidade traduz a sua cultura de uma maneira inconfundível, de acordo com a sua História e as suas condições.

Apesar do Orçamento do Distrito Federal, em 94, destinar um percentual de apenas 0,34% para a Cultura, ela está aí agitada, complexa, distinta, marcando a cara da cidade, traçando-lhe o seu perfil e dando-lhe identidade.

Sem cultura, seremos apenas um amontoado, um dado estatístico, uma gente sem passado e com o futuro por um fio. Ainda bem que Brasília, apesar da falta de sorte com seus governantes no trato da questão cultural, consegue mostrar a sua cara.

■ **Geraldo Magela** é deputado distrital pelo Partido dos Trabalhadores